

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

SOMBRAS

Vogando á tona d'agua, na agua dolente, suspirosa e suspirante do rio, ia o corpo d'um pequenino ser, d'uma creança recém-nascida...

A tarde tinha sido esbrazada: um forno de cal viva, a arder. Pacato o manso, na pacatez e na mansidão da ovelha, que, nos baldios, vae mugindo saudades dos anhinhos, assim o rio ia gemendo triste, na tristeza ignorada e symbolica d'uma mágua indefenida, porque, na corrente mansissima das suas aguas crystallinas, acarretava o peso enorme d'um enorme crime! Um infanticidio!

Aproximava-se a noite. A lua, como uma nódoa de sangue, ia apparecendo detraz dos pinheiros verdes. Atravez da engrenagem ferrea da ponte, punha manchas sanguineas, rubras, d'um rubro assassino, na corrente apressada; e dois individuos que se banhavam, n'uma languidez e n'um gozo pantheista, sensual até, porque sentiam, na epiderme, titilações benéficas da agua fria, como beijos amorosos de amorosas amantes, como que uma escóva de veludo roçando sensações de prazer, viram na margem, entre os troncos de amieiros decepados, boiando á mercê, prezo na folhagem dos rebentos novos—um berçito pequenino, duas talas de vime e um corpo inanimado! Era escuro o local! O penedo do Olho do Sol punha alli um veu de crepe negro; e o rio, como que sabedor da grande tragedia, fazia um redemoinho d'agua, um circulo negrejante como os circulos do inferno de Dante, como que dizendo a Deus:—Não mais, Senhor. Não mais deixarei que a innocente creança, arroncçada no meu seio puro, de crystal e neve, vá boiando... Que fique aqui, até que mão humana a levante, e lhe dê o poiso da terra mãe... Já que mãe não teve! Porque, se a tivera, não viria enodoar de sangue a pureza da minha corrente, a crystallinidade das minhas ordinarias.

Era uma meunha o ser que boiava na corrente. Do pescocito arroxado pendia-lhe um cordão de seda, e, na estremitade, um cartão que mal se lia. Decifrou-se aponas um nome:—Olinda!

Mães: isto é comvosco. Quem atirou ao rio esse pedaço d'alma, beijo d'aurora, radiação de luz, sentimento e sentimentalidade, esse pequenino ser, que era o fructo d'um amôr, que era o

proprio Amôr? A mãe seria sabedora d'isso? A mãe consentiria que essa innocente creança, alma da sua alma, coração do seu coração, lhe fosse arrancada do peito, de entre as mãos, crispadas ainda das dôres da -delivrance-, dores que são alegrias, alegrias que são prazer infinito quando ouvem o vagido do filhinho recém-nascido, consentiria que lh'a roubassem ás carceias do olhar anuviado de lagrimas, á doçura do collo, á elasticidade dos braços, á marmorca brancura do seio, ao beijo infinito dos mamillos?

Oh! A mãe não devia consentir tal. Não podia mesmo consentil-o, porque teria de arrostar contra as leis naturaes. Ainda que grande criminosa, era mãe. E as mães, desde a phanthera e desde a loba, até á hycna e á mais requeitada folinidade, todas aconchegam os filhos ao seio uberrimo de leite, e os cobrem, e os defendem da morte.

Mas, quem foi, então, que, na corrente suavissima do rio, foi lançar esse corpito branco, branco e suave como um nenuphar, innocente como uma rolinha nova? E a mãe, no leito de dôres, olhando em roda, os olhos nadando em lagrimas, pedindo, clamando:—Dêem-me a minha filha: quero beijal-a, quero apertal-a ao seio!..

Quem foi?

Foi a sociedade; foram as nossas leis; foram os nossos costumes!

Foi a sociedade, que marca na frente, a ferro vivo, em brazas, a mulher trahida, a mulher sedusida, e adula, e cumprimenta o seductor, chamando-lhe um heroe, um D. Juan, um conquistador. E nos livros, e nos romances, e no theatro, esse homem cobarde que abuzou d'uma mulher fraca por propria natureza, e, depois, a abandona ao escarnio da multidão, ao azorrague percuente da familia, esse homem tem o sorriso de todos, sorriso amavel, e o cumprimento até das proprias mulheres!

E esse homem, no entanto, é um monstro de perversidade.

Foram as nossas leis, porque não obrigam os paes a ter responsabilidade nos filhos da mulher que seduziu e enganou com promessas fomentidas, ou, ás vezes, á viva força de traições nefandas.

O repudio dos filhos dava, ha annos, um numero horrorisante na estatistica. Em lugar de diminuir, tem augmentado consideravelmente. E, depois do filho repudiado, vem o filho atirado ao monturo, á lama, á sargeta. Depois da

imbecilidade da lei, vem a nódoa alastrante do crime. Abram-se escolas, dizem os pensadores modernos!... Mas o que é tristemente verdade é que é das escolas d'onde tem sahido os maiores criminosos. Haja religião, e teremos bons costumes, diminuirá a estatística criminal. Onde não ha religião, não ha temor. E a falta de temor é o impulso para todos os crimes. Em Paris formou-se ha dous annos uma sociedade anti-pornographica. Homens importantes, com Julio Simon, o grandre democrata e orador e pensador á frente, propozeram-se combater por todos os meios a propaganda em publico das estampas e dos quadros e das novellas desmoralisadoras. E porque? Porque da desmoralisação do livro e do quadro é que nasce a desmoralisação dos costumes. E' tambem o que n'este paiz é necessario, para arrear de frente com a onda negra da desmoralisação campeante. Está provado que as noticias da imprensa sobre os suicidios augmentam o numero d'essa cobardia dolente d'almas sem fé nem viços de creença. Pois as noticias relativas ao aban lono de creanças e ao infanticidio concorrem tambem para esse repelente crime

Acabe-se com isso. Moralise-se a sociedade.

E para a moralisar—só a religião, que produz a virtude.

Depois que o povo romano principiou a rir-se de tudo, até dos proprios Deuses, esse povo forte e disciplinado ruiu em terra, para nunca mais se levantar. Não olhou para a philosophia espiritualista de Cicero; não reparou nos conselhos de Catão—que lhe recommendava a Virtude. E o imperio romano desapareceu.

Pois assim desaparecem todas as nacionalidades, onde a religião não domine os espiritos e espiritualise; n'um banho d'aurora, todos os corações.

Z. Saramago

ARCHIVANDO E AGRADECENDO: A «Lagrima» deve especiaes sinezas ao douto advogado, distincto bibliographo e primoroso estilista, o exm.º sr. dr. Rodrigo Velloso, director da «Aurora do Cavado», d'esta villa. E' este semanario, indiscutivelmente, o jornal que, com mais criterio, acompanha o movimento litterario do paiz, n'uma analyse miuda, cuidada e independente. As suas apreciações bibliographicas são respeitadas, attendidas e admiradas no pequeno mundo das letras portuguezas.

E' por isto que muito nos honramos transcrevendo o seguinte suelto referente á nossa peçonina revista, e que é assignado pelo antigo e querido companheiro de Anthero do Quental, o illustre director da «Aurora», sr. dr. Rodrigo Velloso:

«A Lagrima». Publicou-se n'esta villa o n.º 10 do 2.º anno da «Lagrima», periodico quinzenario illustrado, que consagra a maior parte de suas columnas ao Rerolhimento e Azylo de Infancia Desvalida do Menino Deus d'esta villa, transcrevendo sua historia e acompanhando-a de desenvolvida noticia sobre a transformação que ultimamente está experimentando.

Tem melhorado de dia para dia a redacção litteraria da «Lagrima», e sua lição tem-se ido tornando cada vez mais intressante.

EM DEZ LINHAS—Amigo Pancrácio: diz Juvenal que a rir se castigam os asnos. Pois não é? *Ridendo castigat mores...*

—E que se segue d'ahi?

—E' que hoje está de luto pela morte d'uma prima em 6.º grau, e o outro dia, quando se enterrava uma 2.ª prima, elle, o exm.º barão, andava flanando, jardim em fóra, de fato claro, todo despreocupado!

—Mas é que a *segunda* não tinha vin-tem, e a *sexta* deixou milhinho...

A 6.ª é vespera do sabbado, dia dos judeus...

NOTAS D'UM ROMEIRO—Goios 13 de Agosto:

Festa em pleno desembaraço. Muita gente e muito vinho. As bouças, que ladeiam o terreiro da milagrosa (?) cruz, adornadas de toldes, barracas de campanha, tachos frigindo sardinhas e caçarolas cozendo batatas, para abdoninar a pança dos devotos. Ha danças e folguedos. A devoção pela cruz de dezoito palmos, coberta com tapadouro de zinco, e ladeada de ripado de meia polegada, é extraordinaria. Ha immensos devotos cuja

A Lagrima

fé se synthethisa na posição que tomam. Ha-os assim:



Ha tambem qu'm escarve da terra milagrosa, com unhas e dentes, para guardar em saquinhas. Serve para trazer ao pescoço, e livra de maleitas... depois de morto.

Os das promessas, como cadaveres fugidos a esquifes, esses atiram-se para o chão, n'uma delicia longa de beiços, que mastigam o milagroso humus.



Ha estampas impressas, papel branco com duas tarjas negras, em cruz, que a commissão vende com muita crença e muita vontade de dinheiro na taça das esmolaz. Sim. Porque estas festas não se fazem simplesmente com palavriado. E' preciso dinheiro, o rico dinheirinho dos devotos. Duas musicaz, 4 fogueteiros, carro d'anginhos com mestre de ceremonias da villa, pedra lavrada, alicerees feitos e paredões principiados, tudo isto requer muita *chelpa* de devotos...

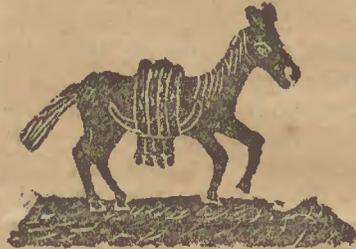
Mas tudo ri, e tudo folga. Ha tambem quem lucre.

Os proprietarios das bouças e campos visinhos. Se o m.atto fica todo calçado, fica o terreno bem adubado...

Larapios Alonsos mettêm as mãos nas algibeiras, e policias finos mettem-nos na cadeia.. Mas Padrinhos amigos soltam-nos para o campo livre das explorações!

O Arcebispo não auctorisou o culto da descommunal e mal feita cruz. O parochio manda, no seu logar e no seu dever, suspender a venda dos prospectos brancos com cruz negra. Todos osromeiros devotos, que eram poucos, porque a fé em milagres d'aquelles é, felizmente pouca, ficam admirados, estupefactos!

Até este figurão de *facha* arregaçou o labio n'uma interrogação descrente...



A verdadeira fé demonstra-se na estatística:

Vinho que se bebeu no arraial—**10 pipas**. Dinheiro na taça **249\$080 reis**. Dinheiro que alquiladores de Barcellos ganharam em fanicos **71\$200**.

Retrocedendo:

Em 1891	rendeu a taça	223\$180
Em 1892	» »	246\$805
Em 1893	» »	249\$080

Pelo que se vê que, quanto a esmolaz, a Cruz não se deve queixar. Tem ido augmentando o bago. O povo está rico, alegre da sua vida, e muito satisfeito. Só o que tem de menos é sede. Em 1892 beberam-se em Goios, no arraial, **19 pipas**; este anno só dez!

Está o povo rico; mas bebe agua, faz como os dandys d'essa villa.

Ultima nota.

A tropa que policiou a romaria veio de Braga, 15 kilometros a pé, e tinha de

A Lagrima

voltar, Pois nem meio quartilho de vinho deram aos soldados! São *ferretas* o bem *ferretas* os de Goios...

Intenderam que o soldado, com a gratificação de 35 reis, podia passar muito bem!

O que elles precisavam, os de Goios, era de carregar com a cruz de 18 palmos ás costas... para saber o que custa a vida!

J. do M.

PROGREDIOR — Domingos Ribeiro andava, desde ha muito, embebido na solução d'um problema extraordinario. Tal era a descoberta d'uma hulheira n'esta villa. Descoberta que, realisada, metamorphoseiava completamente Barcellos.

Domingo passado fôra um dia de calor fornalhento. Era um sacrificio a permanencia dentro de caza, mas Ribeiro pouco se importava com isso. Sentado, a cabeça inundada de suor pousando nas mãos, permanecia desde horas em profundas reflexões: nem a Barcelense que passava para Vianna, tocando, lhe chamou a attenção. Um tiro de peça não lhe faria voltar a cabeça.

De subito exclama:

—Eureka! Acheil!

E dirigindo-se a Joaquim da Cunha que lhe fazia companhia:

—Amigo! Deixa-me vêr a tua mão direita. Agora a esquerda. Quero apertal-as n'um phrenesi doido. Quero ainda outra mão. E depois unil-as ao meu peito.

—Não tenbo senão duas mãos. Mas... explica-te? Que'significa tanto entusiasmo?

—Descobri o filão! Vamos ter muito carvão e muito *águsbá*. Deve-se encontrar, por varias razões, um inexaurivel d'esta preciosidade, que, principiando á esquina da caza da Associação dos Bombeiros e seguindo pela rua da Nogueira, cortando em linha diagonal a Praça, só terminará no quintal do sr. dr. Salazar.

*

Deu se principio ás escavações. Ribeiro tinha prevenido os trabalhadores de que a primeira picarêta que descobrisse a hulha gratificaria o seu manejador com 400\$000 reis.

*

Seriam 10 horas da manhã de terça-feira ultima. A sineta da cadeia começou a dar 7 badaladas, indicando incendio. Pela rua, como sempre, n'estas occasiões, todos correm. Os bombeiros dão o signal de perigo: *ti-ti-ti-ti*.

Dizia-se:

—Fogo na Associação dos bombeiros!

*

O que foi? Um trabalhador dera com o seu instrumento em coisa dura, negra, côr de alcatrão... o cano das aguas do sr. Borges! Enthusiasmado, exclama:

—Cá encontrei o carvão!

Por tal motivo toda a villa marcha para o sitio.

E uma voz, em ar de troça e para espantar o povinho:

—Fogo!

E o Ribeiro julgando que essa voz dizia—*ouro!*

As escavações vão adiantadas. Galgucueiras se escancaram pela Praça, pela estrada, e nada de apparecer esse filão, sonho doirado do adorado Ribeiro...

Zetit

ANTE-MONTEM, ALEGRE PIC-NIC. NÃO FORAM DANDYS. MAS FOI QUEM MACAQUEASSE ELLES...
A FACHA Á CINTA DE QUEM MAIS TINHA MURMURADO...

PERFIL—Loira como os trigaes, sorridente como os nenuphars, subjectivista como H. Heine, seductora como o ideal de Dante, e de Petrarca e de Byron, é a idealisação d'um idealista tristemente vago, da vaga indefinida d'um amor sonho d'aurora.

Conhecem-na? E' de Barcellos.